

Organizador
Carlos Augusto Pereira dos Santos

A REPÚBLICA TAMBÉM É AQUI

ESTUDOS E REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIA
LOCAL (CEARÁ REPUBLICANO)

Editora
**SER
TÃO
CULT**

MAIS DE 800 MIL PE
NA "MARCHA DA VIT
Impressionante massa humana transformou a Marcha da Família
por manifestações democráticas, simbolizando a luta por
dados da realidade da vida no Brasil. (TEXTO NA



Carlos Augusto Pereira dos Santos

Professor Adjunto do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Graduado em Estudos Sociais e História pela UVA (1990 e 2015). Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ (2000) e Doutor em História do Norte e Nordeste do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE (2008), pós-doutor em Estudos Culturais do Programa Avançado de Cultura Contemporânea PACC/UFRJ (2016). Autor de vários livros sobre história local, especialmente nas temáticas do cotidiano, cultura, história do trabalho e trabalhadores. É membro do Coletivo de Historiadores e Professores de História de Camocim.

Organizador
Carlos Augusto Pereira dos Santos

A REPÚBLICA TAMBÉM É AQUI

**ESTUDOS E REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIA
LOCAL (CEARÁ REPUBLICANO)**

Sobral-CE

2025

Editora

**SER
TÃO
CULT**



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaoacult.com.br
sertaoacult@gmail.com
www.editorasertaoacult.com.br

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial

Ana Carolina Eiras Coelho Soares (Universidade Federal de Goiás)
Antonio Iramar Miranda Barros (Secretaria da Educação Básica do Ceará – SEDUC)
Cícero João da Costa Filho (Doutor pela Universidade de São Paulo)
Francisco Dênis Melo (Universidade Estadual Vale do Acaraú)
Geranilde Costa e Silva (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira)
Gilberto Gilvan Souza Oliveira (Universidade Federal do Ceará)
João Batista Teófilo Silva (Universidade do Estado de Minas Gerais)
Juliana Magalhães Linhares (Centro Universitário Inta – UNINTA)
Télma Bessa Sales (Universidade Estadual Vale do Acaraú)
Valéria Aparecida Alves (Universidade Estadual do Ceará)

Este livro foi aprovado após avaliação às cegas por membros de nosso conselho editorial.

Revisão

Danilo Ribeiro Barahuna

Diagramação e Capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

R425 República também é aqui: estudos e reflexões sobre a história local
(Ceará Republicano). / Organizado por Carlos Augusto Pereira dos
Santos . - Sobral CE: Sertão Cult, 2025.

268p.

ISBN: 978-65-5421-243-4 - E-book em pdf

ISBN: 978-65-5421-244-1 - papel

Doi: 10.35260/54212434-2025

1. História do Ceará. 2. Política. 3. Ceará- Período republicano.
4. História local I. Santos, Carlos Augusto Pereira dos. II. Título

CDD 981.31 História do Ceará

SUMÁRIO

☞ Meu lugar, minha República... Aqui também a história se apresenta!.....	5
--	---

Parte 1 - História, política, imprensa e sociedade

☞ “O quarto poder da República”: A influência política dos jornais Gazeta do Sertão (1913) e Correio do Norte (1920), em Ipu-CE	11
<i>Antônio Israel Ferreira de Sousa</i>	

☞ A Revolução de 1930 em Sobral-CE no Jornal Brazil-Livre (1930-1931).....	29
<i>Ismael Marques Aguiar</i>	

☞ “O Estado Novo antes do Estado Novo”: uma releitura da estrutura de governo aplicada em Sobral através da Liga Eleitoral Católica (LEC). 1930 A 1932	49
<i>Izabelly Rayna Silva Araújo</i> <i>Lucca Manoel Pontes Araújo</i>	

☞ O Correio da Manhã (Rio de Janeiro) e Correio da Semana (Sobral- CE): a imprensa na transição para a Ditadura Civil-Militar.....	65
<i>Égina Bessa Ferreira</i>	

☞ Movimento Estudantil e repressão: o caso do “7 De Setembro”. Sobral-CE (1969).....	85
<i>Paula Leticia dos Santos</i>	

☞ Da marcha de 1964 às marchas de 2021: continuidades e rupturas do conservadorismo brasileiro em nome da família e da fé.	107
<i>Samuel de Souza Raulino</i>	

Parte 2 - História, memória e educação

☞ História e memória: vivências e lembranças do acesso e a exclusão do ensino formal no município de Guaraciaba do Norte durante os anos 1950 – 1954.....	125
---	-----

Vitória Veras Cavalcante

☞ A forja dos saberes: a revolução do ensino técnico-profissional no Brasil republicano.....	141
--	-----

Aline Romão dos Santos

☞ Vivências e reflexões sobre uma práxis no Ensino Médio: a importância da teoria como bússola nas reflexões pedagógicas na Escola Coronel Apoliano (Senador Sá-CE, 2024-2025)	165
--	-----

Gizele Lima dos Santos

☞ O processo de implementação das políticas públicas da educação “número 1” do Brasil: o caso de Sobral-CE.....	177
---	-----

Ana Cecília da Silva Nascimento

Parte 3 - História, cultura e cotidiano

☞ O movimento “A poesia é um saco” e a cidade de Sobral-CE	189
--	-----

Joatan Batista Massimino Tomaz

☞ Memórias e vivências de mulheres idosas no distrito de Araticum. Ubajara-CE (1940 a 1980).....	205
--	-----

Ana Glória da Silva Sousa

☞ Luz, câmera, Nordeste! A representatividade do Nordeste contemporâneo em um Brasil republicano nas obras audiovisuais brasileiras (1990-2024).....	231
--	-----

Yago Ferreira Braga

Margarene Araújo Lima

☞ A paixão nacional e a injúria racial: o racismo e o futebol brasileiro no século XX.....	247
--	-----

Luiz Carlos da Costa Lima

Gleidiane de Sousa Ferreira

MEU LUGAR, MINHA REPÚBLICA... AQUI TAMBÉM A HISTÓRIA SE APRESENTA!

Numa publicação anterior organizada por mim, intitulada “História do Brasil em aulas performáticas. Império e República”¹, realizei em escorço histórico da trajetória de publicação com alunos em formação no Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Sob o título “Da sala de aula ao livro – o prazer da publicação compartilhada”, meu texto na referida obra, pensei ter concluído minimamente um objetivo que me impus, no sentido de compartilhar esse prazer de ver nossos escritos no suporte impresso do livro.

No entanto, ao me deparar com a turma da disciplina de História do Brasil III, do 8º Período do Curso de História da UVA², as possibilidades de pesquisa e escrita desenvolvidas pelos alunos em seus trabalhos de conclusão de curso, além de aquela ser a última turma antes do meu afastamento para aposentadoria, acenderam novamente a chama do prazer em publicar. Restaria, portanto, definir um eixo que englobasse os textos a serem escritos. Decidimos pelo que a disciplina pedia em sua ementa, isto é, percorrer o período republicano brasileiro. Por outro lado, era o recorte temporal da grande maioria das pesquisas dos alunos, além de ser uma oportunidade de aproximar a disciplina dos estudos de história local.

1 SANTOS, Carlos Augusto P. dos. *História do Brasil em aulas performáticas*. Império e República. Sobral-CE: Sertão Cult, 2024.

2 Turma formada por: Aline Romão dos Santos, Ana Cecília da Silva Nascimento, Ana Glória da Silva Sousa, Antonio Israel Ferreira de Sousa, Égina Bessa Ferreira, Gizele Lima dos Santos, Izabelly Rayna Silva Araújo, João Antônio de Sousa Silva, Joatan Batista Massimino Tomaz, Lucca Manoel Pontes Araújo, Luiz Carlos da Costa Lima, Margarene Araujo Lima, Paula Letícia dos Santos, Victor Bruno do Nascimento, Vitória Veras Cavalcante e Yago Ferreira Braga.

Quem conhece nossa trajetória de publicação sabe que defendemos o conhecimento a partir da pesquisa e da prática da história local. Defendo-a como ponto de partida para o entendimento da sua dimensão macro, afinal de contas, não temos como precisar onde ela termina e se torna uma história “não local”, ou uma “história global”. Por outro lado, aqui não se pretende dar conta das complexidades dessas interconexões que alimentam o debate teórico e as conexões com o ensino de história.³ Como nos ensina a professora e historiadora Circe Bittencourt,

[...] a história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer – igualmente por situar os problemas significativos da história do presente.⁴

Portanto, é este “entorno” do aluno, enquanto espacialidade experimentada e praticada e suas relações com a história do tempo presente que nos interessa. Desta forma, os artigos aqui elencados fazem, de algum modo, um exercício de compreensão histórica do passado através dos temas abordados por parte dos autores, futuros historiadores, entendendo que esta parcela do tempo “não reconhece seu lugar: está sempre presente”, como nos legou o poeta gaúcho Mário Quintana (1906-1994).

Por nosso turno, para além de algumas publicações gestadas em sala de aula com alunos e colegas professores,⁵ tentamos dar amplitude à história local, a partir de um projeto de extensão no âmbito do Curso de Licenciatura

3 Para uma discussão neste sentido, ver: CAVALCANTI, E. História e história local: desafios, limites e possibilidades. *Revista História Hoje*, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 272–292, 2018. DOI: 10.20949/rhhj.v7i13.393. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/393>. Acesso em: 30 abr. 2025.

4 BITTENCOURT, Circe Maria F. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2009, p. 168.

5 Referimo-nos especialmente a: SANTOS, Carlos Augusto P. dos; SILVA JÚNIOR, Agenor Soares e (Orgs.). *Histórias do Ceará: experiências de pesquisas dos alunos e professores do PAROR/UVA*. Sobral-CE. 2009-2011. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013, 342p; SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos; SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de (Orgs.). *As práticas inovadoras do curso de História*. Recife: Liceu, 2018, 113p e SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos; SILVEIRA, Edvanir Maia da; MELO, Francisco Denis. LIMA, João Paulo Eufrazio de (Orgs.). *Reflexões, práticas inovadoras e relatos de experiências PAROR (UVA)*. Vol. 1. Sobral-CE: Edições UVA, 2021, 150p.

de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), incentivando, principalmente, aos gestores educacionais municipais a contemplarem a história local com mais tempo de sala em seus currículos e suportes de material de pesquisa, como o livro didático de história local.⁶

Neste sentido, experiências exitosas foram surgindo a partir de contatos profissionais, *lives*, rodas de conversas e seminários proporcionados por este projeto de extensão, incluindo, principalmente, professores, gestores e alunos do curso de História dos vários municípios onde conseguimos manter algum diálogo. Numa perspectiva cronológica, apresentamos livros de história e livros didáticos adotados em vários municípios onde o projeto conseguiu êxito em seus objetivos, publicados entre os anos de 2017 a 2023:

1. Historiando Camocim – Ensino Fundamental II (Livro Didático e Livro do Professor). 2017.⁷
2. Uruoca. Pessoas, Lugares e Histórias – (Livro de História). 2020.⁸
3. Historiando Cruz – Volume Único (Livro Didático). 2023.⁹
4. Eu e meu lugar. Uruoca. Histórias e Memórias. Ensino Fundamental anos iniciais (Livro Didático e Caderno de Atividades). 2023.¹⁰

Ao tempo em que escrevemos este texto, estão em desenvolvimento projetos editoriais que são desdobramentos destes assinalados acima, como um livro didático de história de Uruoca para o Ensino Fundamental Anos Finais, um livro de história do município de Cruz, além de obras semelhantes em construção nos municípios de Martinópole e Senador Sá, na região noroeste do estado do Ceará.

6 Trata-se do programa de extensão “História Local: identidade e cidadania”, com o subprojeto “Que história é essa? Conversando sobre História Local”, executado entre 2020 a 2025.

7 SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos; FREITAS, Gleiciane. *Historiando Camocim*. Ensino Fundamental II. Sobral-CE: Edições UVA/Global Gráfica, 2017, 172p.

8 SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos; SILVEIRA, Ivone Araújo; FONTELES, José Osmar; SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. Uruoca. Pessoas, Lugares e Histórias. Sobral-CE: Sertão Cult, 2020, 440p.

9 FREITAS, Gleiciane. *Historiando Cruz*. Volume Único. Sobral-CE: Sertão Cult, 2023, 154p.

10 SILVEIRA, Ivone Araújo. *Eu e meu lugar*. Uruoca. Histórias e Memórias. Ensino fundamental, anos iniciais. Sobral-CE: Sertão Cult, 2023.

Voltando a este volume em específico, os trabalhos compilados acabaram por servir à construção de três eixos, a saber: História, política, imprensa e sociedade; história, memória e educação; e história, cultura e cotidiano. Abordando temporalidades e temáticas distintas, os temas cobrem o período republicano, desde as primeiras décadas até os mais recentes assuntos em discussão na sociedade brasileira.

A título de apresentação, portanto, temos na *Parte 1 – História, política, imprensa e sociedade* artigos que tratam da influência dos jornais nas cidades de Sobral e Ipu, assim como de análises dos períodos ditatoriais de Getúlio Vargas e da ditadura civil-militar iniciada com o golpe de 1964. Para fechar este eixo, temos um texto que aborda o conservadorismo no país através das marchas realizadas em nome de Deus e da família nos idos de 1964 e recentemente em 2021.

Na *Parte 2 - História, memória e educação*, os autores, de alguma forma, realizaram uma imersão nas questões discutidas num curso de licenciatura, trazendo histórias da sua própria formação profissional, do acesso ao ensino, dos programas e políticas públicas voltadas para a melhoria dos índices educacionais, além das próprias histórias da educação de seus municípios de origem.

Finalizando, a *Parte 3 - História, cultura e cotidiano*, o leitor irá se depa-
rar com temas diversos que trafegam no cotidiano das cidades apresentadas, como por exemplo, a trajetória de um grupo de poetas que se reúne aos sábados em Sobral para ler, fazer e viver a poesia, assim como das conversas de idosas relembando suas vidas num distrito do município de Ubajara. O cinema e o futebol brasileiros, por sua vez, são analisados como fatores da identidade brasileira, assim como espaços de resistência, mas também, onde afloram discursos de preconceito e de ódio. Ressalte-se aqui, o uso da metodologia da história oral em alguns desses trabalhos.

Por outro lado, ao filiar-se teoricamente nos conceitos da história local, este é um trabalho para dizer que a República também é aqui!

Camocim, 05 de junho, mês das fogueiras, de 2025.

Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

Parte 1

História, política, imprensa e sociedade

CAPÍTULO 1

“O QUARTO PODER DA REPÚBLICA”: A INFLUÊNCIA POLÍTICA DOS JORNAIS GAZETA DO SERTÃO (1913) E CORREIO DO NORTE (1920), EM IPU-CE

Antônio Israel Ferreira de Sousa¹

INTRODUÇÃO

Localizada no noroeste do Ceará, na microrregião da Serra da Ibiapaba, a pequena cidade do Ipu, até a primeira metade do século XIX, era pouco atraída para o cenário regional. Ficava afastada dos grandes centros, tinha poucas casas ainda ao redor da velha Igreja Matriz e era um local que apresentava elevado número de crimes entre latifundiários e sertanejos humildes (De Araújo; Da Silveira, 2006). Ao final do século XIX, seu aspecto sociocultural começa a apresentar mudanças. De acordo com os estudos que Antônio Vitorino Farias Filho empregou sobre o Ipu, nos anos iniciais do século XX, a cidade começava a vivenciar a chamada “modernidade sertaneja”, e as reverberações eurocêntricas da pós-Revolução Industrial também se *espetacularizaram* nos espaços de sociabilidade e na estética da pequena urbe ipuense (Farias Filho, 2018). Essas mudanças estruturais devem-se, sobretudo, à chegada da Ferrovia:

1 Graduado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral/CE.
E-mail: rael Sousa2020@gmail.com.

Desbravando capoeiras e caatingas vastas e intocáveis, de 1885 a 1894, com nove anos apenas de intervalo, e intercalado mesmo pela queda da Monarquia e ascensão da República, os trilhos da ferrovia deixam a cidade de Sobral e partem em direção aos sertões bravios do povoado do “Ipu-Grande”, situado ao sopé da Serra da Ibiapaba e de frente ao sertão de Tamboril. Tal obra, levada a efeito de modo quase ininterrupto, atesta o quanto era prioridade para as autoridades do estado a ligação da serra e do sertão algodoeiro com os portos do litoral (De Araújo; Da Silveira, 2006, p. 100).

O trem simbolizava as concepções modernistas de uma nascente e pequena burguesia local, que se utilizou da Indústria da Seca² para aquilo que Farias Filho nomeou como “intervenções públicas estéticas”, pois o cotidiano sertanejo passaria por rupturas. O cenário que se apresenta ainda nos anos vinte é de uma sociedade rodeada de casarões que seguem o modelo arquitetônico europeu, o aumento na dinamização da produção de algodão e o acentuado ganho populacional a partir de então³. A própria planta da cidade passa a ser modificada por Archimedes Memoria (De Sousa; Eusébio, 1915), que também se inspirava em modelos europeus.⁴ Todas essas concepções estavam presentes nas discussões que acompanhavam a chegada da imprensa e da primeira república no Ipu. Os periódicos que circularam no início do século XX assumiram um papel instrutor de repassar códigos que corroborassem o discurso nacional implementado pelos vencedores da república. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar as influências políticas exercidas

2 Ainda segundo De Araújo e Da Silveira, as grandes obras públicas no Ceará estiveram ligadas aos recursos destinados ao combate dos efeitos da seca, desde o final do império até os anos vinte do século passado. As elites proprietárias se apropriaram-se do discurso da seca e beneficiaram-se de recursos federais, sobre isso ler: DE ARAÚJO, Raimundo Alves; DA SILVEIRA, Edvanir Maia. A CIDADE E A SECA: O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE 1932 E AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM IPU-CE, p. 100-101.

3 Em 1920, Ipu concentrava cerca de 22.834 mil habitantes, dados presentes na tabela de Recenseamento de 1920, no qual o Ipu figura na posição 15º das regiões mais populosas do estado do Ceará. Fonte: População dos Municípios do Ceará. Revista do Instituto do Ceará. TOMO XXXVI, Ano XXXVI, 1922, p. 495.

4 Archimedes Memoria, ipuense, estudou e se formou na Escola Nacional de Belas Artes, no rio de Janeiro em 1911. De acordo com FARIAS FILHO, foi aluno Morales de los Rios e de Heitor de Melo e era profundamente influenciado pelo “estilo eclético”. Sobre isso ver: FARIAS FILHO, Antônio. Vitorino de. *A Fantasia de ser Moderno* - Civilização e Barbárie na Terra de Iracema. Sobral/CE: SertãoCult, 2018, p. 71.

pelos jornais *Gazeta do Sertão* (1913) e *Correio do Norte* (1920), na cidade de Ipu, destacando a forma como as elites intelectuais e aristocráticas locais utilizaram esses veículos como ferramentas de mobilização e disseminação ideológica. Para tanto, adotou-se uma abordagem baseada na análise documental dos periódicos e em referenciais teóricos sobre imprensa e política.

Observar os discursos jornalísticos da época ajuda a compreender as bases sociais que estruturaram a mentalidade política da população ipuense, bem como a perpetuação de conceitos políticos ao longo de sua história. A delimitação dos eventos e dos perfis socioeconômicos dos redatores desses jornais também permite observar para qual lado caminhavam as ideologias disseminadas pela elite local. A influência da imprensa no desenvolvimento urbano e político de Ipu reflete um exercício constante de alinhamento entre teoria e prática, que se manifesta na análise dos jornais estudados. É nesse sentido que a análise minuciosa dos jornais *Gazeta do Sertão* e *Correio do Norte* torna-se fundamentalmente relevante, visto que a imprensa sempre se posicionou como um potente mecanismo de disseminação ideológica e de mobilização política.

☞ A REPÚBLICA E SUAS REPERCUSSÕES

Novas ideias, novas narrativas e novas teorias eram tudo aquilo que não estava em falta no contexto da instauração da Primeira República no Brasil. Antes de observar os fatores internos das narrativas, ou seja, os textos presentes em suas folhas jornalísticas, é preciso uma compreensão dos fatores externos que contribuíram para a manutenção dessa comunicação. Não era somente a imprensa que produzia seus discursos nesse período, mesmo porque o contexto político da época passava por uma nova batalha de símbolos:

Enquanto isso, no Brasil, para provar que a República vinha para ficar, alteravam-se rapidamente nomes e símbolos, na tentativa de dar mais concretude à mudança efetiva de regime. O largo do Paço passou a se chamar 15 de novembro; a Estrada de Ferro Pedro II, Central do Brasil; o Colégio Pedro II, Colégio Nacional; o vistoso conjunto de residências denominado Vila Ouro Preto foi batizado de Vila Rui Barbosa. Os

motivos impressos no papel-moeda circulante também foram alterados, e rapidamente: saiu d. Pedro II e a monarquia, entraram as imagens da nova República dos Estados Unidos do Brasil. A voga chegou aos nomes próprios, que começaram a se inspirar nos modelos republicanos norte-americanos — Jefferson, Franklin, Washington. 1 Até mesmo o termo “corte” foi trocado, por decreto, por “capital federal”; isso a despeito de a população, acostumada com o nome antigo, acabar por mantê-lo (Schwarcz; Starling, 2015, p. 384).

A Primeira República ensaiou novas e diversas formas de exercício da cidadania, enfrentando narrativas sobre aqueles que se sentiram “vencidos”. A República, de acordo com José Murilo de Carvalho, nasce sem inserir de forma muito abrangente a população mais pobre, razões pelas quais o sistema político republicano provocou tantas mazelas e tanta exclusão social, resultando na manutenção e perpetuação de uma sociedade pouco democrática. Para o autor, este povo descrito como “bestializado” e sem participação alguma na instalação do novo sistema, se inseriu a seu modo nos anos iniciais da República. O início de um novo sistema de governança provocava um novo sentido para a vida daqueles indivíduos, ao passo em que gerava embates ideológicos sobre seus projetos políticos para a nação. A partir de então cria-se uma certa expectativa para uma ideia de uma *República ideal*.

Além dos militares, estiveram dispostos a implementarem seus projetos políticos os liberais, os positivistas, os operários e a imprensa, que se constituiu em um dos espaços de publicização desses projetos. O golpe da proclamação era entendido pela corrente jacobina⁵ como o momento propício para a revolução brasileira, que deveria ocorrer de uma forma radical, por meio de lutas e revoltas em todo o país. Muito se falou na morte de autoridades oficiais que representavam um modelo arcaico de regime brasileiro, como os antigos membros da monarquia do Brasil, por exemplo, o francês Conde d’Eu,

5 O Jacobinismo foi um movimento adotado pelos clubes republicanos radicais no fim da monarquia. O termo rememora as ideias defendidas na França Revolucionária pelos jacobinos. De acordo com Lília Moritz Schwarcz o auge do movimento aconteceu entre 1893 e 1897, no Rio de Janeiro, com expressiva participação popular, o jacobinismo, foi por muitas vezes chamado apropriadamente de “florianismo”. Sobre isso ler SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloísa M. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 387.

através de fuzilamentos, rememorando a guilhotina utilizada com Luís XVI na França Revolucionária. A tão sonhada revolução brasileira é motivo de debates entre os historiadores até hoje, mas é consensual inferir que as inúmeras revoltas populares representaram uma ação do povo em propor alternativas concretas e reais para o governo democrático que se pretendia instalar.

A ideia de autogoverno do povo, que fosse possível realizar uma autogestão do país, sem família real, que era defendida pela propaganda republicana, era o projeto que mais interessava as elites vitoriosas no golpe militar de 1889, embora as propagandas jacobinas interessassem mais ao povo. Segue-se, portanto, no campo narrativo e político as manifestações de setores sociais sobre suas vontades em participar da república brasileira. Os liberais-federalistas ainda visavam admitir a participação popular, embora os jacobinos prometessem muito mais do que a limitada democracia liberal. O movimento federalista não possuía muita simpatia pelo povo, pois construía uma ideia de autogoverno estadual, sempre muito forte e independente. Já o positivismo não previa papel ativo para o povo, ao passo em que os líderes políticos deveriam decidir os rumos da nação (no caso os positivistas e empresários). Dentro dessa corrente, o povo teria apenas deveres sem direitos, e os empresários cuidariam do Estado e do bem estar do povo. Na prática a República não cumpriu sua promessa, como assinala Carvalho:

A Primeira República, em seus 41 anos de existência, não fez jus às promessas da propaganda de promover a ampliação da participação política, o autogoverno do povo. Não unificou os três povos, não os incorporou. Não transformou em cidadãos o jeca doente de Monteiro Lobato e dos higienistas, o áspero sertanejo de Euclides, os beatos de Canudos e do Contestado, o bandido social do cangaço, o anarquista do movimento operário (Carvalho, 2017, p. 24).

Ele aponta essa deficiência como o “pecado original” da República:

A ausência de povo, eis o pecado original da República. Esse pecado deixou marcas profundas na vida política do país. Quando, em meio à crise de nossos dias, assistimos ao aumen-

to da descrença nos partidos, no Congresso, nos políticos, de que se trata se não da incapacidade que demonstra até hoje a República de produzir um governo representativo de seus cidadãos? (Carvalho, 2017, p. 24).

Os projetos políticos reverberavam de um lugar, de uma classe social e de um recorte histórico muito claro. No caso dos sertões cearenses, a chamada “modernidade” adentra de forma a mobilizar os agentes do progresso na segregação e na construção de novos sentidos para aqueles “não cidadãos”. Nisso a imprensa ipuense também busca colocar seus projetos na cena pública, à medida que convidava (a seu modo) a população a participar da realidade política. Os jornais construíam suas opiniões sobre os eventos históricos e utilizavam dessa dinâmica para alinhar seus projetos políticos.

A ELITE IPUENSE A SUA RELAÇÃO COM OS JORNAIS

Antes de aprofundar o conhecimento dos jornais, faz-se necessário conhecer melhor seus atores sociais. Conhecer o cotidiano social em que esses indivíduos estavam inseridos ajuda a entender suas posições políticas, na medida em que esses discursos aparecem e se propagam na cidade. Em muitos casos, determinados grupos sociais conseguiam usufruir do poder executivo, enquanto outros do poder judiciário, mas havia também aqueles que atuavam por meio do discurso e do pensamento crítico e intelectual. No caso do Ipu, a sua elite local costumava passear entre todos esses setores. Sobre esse debate, já nos adianta Farias Filho:

Esses agentes foram os mesmos que fundaram e escreveram nas páginas dos jornais, que frequentaram os clubes, os salões e as alcovas dos palacetes das famílias abastadas, que circularam por espaços fundados por e reservados a eles, que buscavam decidir, como detentores do poder político em instância local, os rumos da cidade [...] nenhum deles exerceu apenas uma atividade. Muitos são ao mesmo tempo funcionários públicos e empresários. E todos são líderes políticos no âmbito local. Muitos chegaram mesmo a acumular mais de um cargo público (Farias Filho, 2018, p. 134).

A partir desse fragmento, pode-se aferir como o pensamento dominante vai sendo construído por indivíduos que cercam a cidade por todos os lados, e que são essas mesmas autoridades políticas que exercem o poder social sobre a população, portanto, interferindo diretamente na formação política daqueles que moravam no Ipu.⁶ Ainda, muitos desses indivíduos possuíam diploma de curso superior, eram bacharéis em direito, exerciam a advocacia, eram promotores de justiça, suplente de juiz ou eram donos de estabelecimentos comerciais.⁷ A política que imperava no interior dos sertões cearenses era a lógica social e moral de famílias ricas e influentes. Em um país que precisava lidar com sua recente instauração republicana, com novas legislações e novas dinâmicas culturais, os fenômenos que se faziam brotar a partir de então são os conhecidos voto de cabresto e oligarquias aristocráticas. O cenário que se vislumbrava eram os mandos e desmandos das famílias abastadas, era esse o sentido ideológico da cidade, era nesse ambiente que se movimentava as campanhas, as narrativas memorialísticas e os acordos econômicos.

Com a derrubada da família Mourão novos anseios políticos surgiam, e o sentimento de independência, estabelecido anteriormente por Eusébio, se instaura na sociedade. É comum fazer ressurgir interesses em construir novos significados, pois embora a mudança política traga algumas pequenas alterações na sociedade, a recente elite local vai se acomodando na cidade na mesma medida em que cria uma necessidade de se autoafirmar como “porta voz” e como uma vanguarda. Esse grupo social passará também a criar jornais, para justificar essas ideias, visto que a partir de então, a cidade já poderia caminhar “sobre suas próprias pernas”, pois se o momento era de festividade, autonomia política e mudanças sociais, o jornal era o caminho para divulgar seus ideais.

6 O autor cita os principais nomes: Abílio Martins, Eusébio Neri de Sousa, Thomaz de Aquino Correia, Leonardo Mota, Francisco das Chagas Pinto da Silveira, José Oswaldo de Araújo, Joaquim de Oliveira Lima, Abdoral Timbó, Cel. João Bessa Guimarães, Manuel Bessa Guimarães, Edgard Correia, Ubaldino Maciel Solto Maior, Apolônio de Barros, Auton Aragão, Francisco Lourenço de Araújo, Cel. José Lourenço de Araújo, Odolpho Carvalho, José Raimundo de Aragão Filho, José Alves de Farias, Osório Martins, Leocádio Ximenes, Leonard Martin, Augusto Passos e Herculan José Rodrigues, ver: FARIAS FILHO, Antônio. Vitorino de. *A Fantasia de ser Moderno - Civilização e Barbárie na Terra de Iracema*. Sobral/CE: SertãoCult, 2018, p. 135.

7 Sobre isso ler os dados da tabela 2 e 3 no livro FARIAS FILHO, Antônio. Vitorino de. *A Fantasia de ser Moderno - Civilização e Barbárie na Terra de Iracema*. Sobral/CE: SertãoCult, 2018., p. 136.

É muito importante pontuar que Eusébio de Sousa conheceu os dois jornais ora analisados neste texto, e que tanto a Gazeta do Sertão quanto o Correio do Norte tiveram textos escritos e publicados pelo magistrado, assim como muitos outros intelectuais que faziam parte do seu círculo social. Se por um lado os Mourões se tornaram ausentes da política ipuense no início do século XX, por outro surgiram grupos sociais que partiram em defesa do “progressismo moderno”. Novas famílias oligárquicas se apossaram do poder local, e os redatores dos jornais tiveram uma relação duradoura com esses indivíduos, como é o caso da família dos Martins nos anos 1920:

Os Martins de Ipu são os herdeiros dos conservadores que controlaram o poder político do município ao lado do Padre Correia, no século XIX, embora este tivesse adotado a prática de mudar das fileiras do partido conservador para os liberais e vice-versa ao sabor das próprias mudanças políticas (Farias Filho, 2018, p. 137).

Os Martins apoiavam Acioly, e mesmo com a sua derrubada e com a ascensão de Franco Rabello na política do estado do Ceará, eles conseguiram manter o seu poder e a sua influência no Ipu. É obviamente perceptível como a história local se manterá muito conectada com a história cearense, já que as alianças políticas predestinam vantagens e fundos econômicos, que foram bastante utilizados pelo poder público no Ipu, revelando dois grandes aspectos: o primeiro se dá ao fato da criação de boas relações com cidades vizinhas, como é o caso de Sobral, e o segundo se refere à estratégia das famílias locais em angariar mais recursos financeiros. Isso porque tanto os políticos quanto os juristas, artistas e escritores estavam em conluio para manter o novo poder vigente na cidade, o que explica as diversas menções e homenagens a Abílio Martins nos jornais. Essas questões explicam a forma como surgiram aos montes os periódicos locais, em que muito dificilmente se encontrava um teor crítico em suas páginas. O jornal nesse sentido se alinha com o grupo político que acredita no “progressismo moderno”, que são as famílias influentes da cidade, e que apoia alianças e acordos políticos que ocorrem dentro desse sistema oligárquico republicano, de modo também a beneficiá-los. A ideia era clara, o objetivo era ser identificados como agentes de um novo tempo, carac-

terizado pela modernidade, pela civilidade e principalmente pela cidadania, sendo o jornal um dos mais importantes instrumentos de disseminação desse pensamento.

❧ O ELITISMO DA *GAZETA DO SERTÃO* (1913)

O jornal *Gazeta do Sertão* foi fundado e dirigido pelo estudante do curso de direito Leonardo Mota, que veio para o Ipu por intermédio de seu irmão, o padre Aureliano Mota, então diretor do instituto José de Alencar. Para Oswaldo de Araújo, esse periódico marcou uma brilhante fase jornalística no interior do estado, devido ao prestígio e fascínio de sua orientação (Araújo, 1966). Diferenciando-se de seus antecessores, a *Gazeta* terá uma vida útil um pouco mais duradoura, embora não se tenha muitas informações acerca dos jornais anteriores, a qualidade de seus impressos foi muito bem elogiada na época. O jornal tornava público em sua primeira folha, no seu primeiro número de edição, a seguinte mensagem:

São os ideaes políticos, o desejo de bem servir à collectividade, o orgulho de concorrer para o engrandecimento da Patria, a vocação e o amor às letras, os eternos motivos expostos. Si a nós, os da *Gazeta do Sertão* não se permite uma excepção e se exige que digamos a que vimos apegamo-nos também à cabula daqueles fins. Só uma cousa queremos fique desde logo assignalada e è que em política somos livres-pensadores. Não tendo material da Alemanha para ser espatifado e nem publicado o boletim official, não visamos recompensas e nem tememos castigos. E no mais... qual no mais! assegurado o essencial, o mais fica por nossa conta (*Jornal Gazeta do Sertão*, 06 de março de 1913, p. 1).

Apesar de se denominarem pensadores livres na política, sabe-se obviamente a qual pensamento se alinha a ideologia dos jornalistas, que de fato não sofreram impugnações ou punições do governo, tendo em vista que eles mesmos já faziam parte dessas cúpulas. Na verdade, o que vai se observar é a exposição das ideias políticas defendidas pelo jornal, as quais eram pertencen-

centes ao novo sistema vigente, que era a República, e descolados do antigo sistema, já considerado ultrapassado, que era a Monarquia. É possível perceber esse posicionamento no trecho que se segue:

[...] é triste vê- se um grupo de brasileiros, dando vulto à bolorecida idéa da realeza. Traquillizem-se os bons patriotas: aquietem-se os candidatos ás commendas. O Exército favorecendo o advento da República assumiu para com a Nação um compromisso de honra: elle há de mantel a custe o que custar. E não será o doutrinarmismo agua de colônia do ministro Oliveira Lima nem a chalaça do Sr. Carlos de Laet que demoverão o sentimento nacional para este impatriótico movimento subversivo (Jornal *Gazeta do Sertão*, 06 de março de 1913, p. 1).

Com o título “Monarchismo Impatriótico” o movimento monarquista era descrito como um “impatriótico movimento subversivo”. Nesse recorte, o jornal deixa claro que ser patriótico é estar incluso no desejo nacional e coletivo para assegurar um novo projeto democrático, e que segundo ele não seria possível no sistema monárquico. A linguagem foi fortemente utilizada pelos redatores, que diversificaram suas colunas com temas que buscavam resgatar e narrar a história do município. Diversos conceitos políticos foram reinterpretados para que a comunicação entre o jornal e o leitor fosse facilmente atingida, como é possível perceber no seguinte trecho:

Republicano. é tempo
De confirmar nossa fé,
Quem for cobarde que fuja,
Os bravos ficam de pé!...
Façamos de nossos peitos
Archivo p’ra nossos feitos,
Das consciencias altar!
Do bem na lucta serena
Seja o canhão nossa penna!
Seja o quartel nosso lar!

(Wanderley. Pela República. *Gazeta do Sertão*, 11 de abril de 1913, p. 2).

O poema acima ajuda a refletir a forma como os elementos linguísticos eram utilizados nas páginas do jornal e de como essas características se introjetavam no cotidiano da população. A elite ipuense também se empenhava em divulgar o entendimento que ela própria tinha a respeito do que seria cidadania. Em diversos folhetos, era comum encontrar a utilização que o jornal fazia de figuras históricas, de políticos, de textos ou até de símbolos nacionais, para reforçar a construção de um discurso sólido e potente sobre uma pátria culta, cidadã e acima de tudo moderna:

Contemplando a bandeira, cumpre que o cidadão sinta com energia todas as convergências sociaes, através das discórdias individuais. Ella nos deve recordar o Passado, donde proviemos, a Posteridade, por quem trabalhamos, e o presente, que forma o élo movediço dessas massas indefinidas das gerações humanas (Jornal *Gazeta do Sertão*, n. 2, ano 1. 9 de maio de 1913, p. 1).⁸

Quando a *Gazeta do Sertão* traz à tona a bandeira nacional e reafirma, cada vez mais, em seu texto expressões como “aspirações nacionais”, “vasta fraternidade” e “harmonia política e moral”⁹, ela demonstra uma síntese dessas aspirações políticas nacionais, bem como seu mecanismo de realocar narrativas políticas. A necessidade de apontar exemplos e heróis nacionais corrobora para construir uma república fortificada e de um modelo político a ser seguido. Cria-se, portanto, uma necessidade de repassar “bons exemplos cívicos”. Esses aspectos se fundem ao entendimento de ensino cívico e moral ao sugerir estudos sobre os grandes “exemplos políticos” da história brasileira, bem como situar o cidadão no debate político. O jornal *Gazeta do Sertão* também registrou suas opiniões políticas, inclusive sobre a atuação de grupos regionais, como sugere o trecho a seguir:

8 Segundo o próprio jornal *Gazeta do Sertão* este fragmento apresentado foi recortado de um artigo publicado no *Diário Oficial do Ceará* de 24 de novembro de 1889, pelo Sr. Teixeira Mendes.

9 Informações retiradas do Jornal *Gazeta do Sertão* na íntegra, texto: *bandeira nacional*, 9 de maio de 1913, coluna 1, página 2.

Nunca a política brasileira atravessou momento mais delicado, nem a República tem perigado tanto como na epocha andante. [...] Hoje com a inopidada reacção do General Dantas vemos distinctamente delineados no seio da opinião publica três correntes electivas que disputam com ardor a posse da cadeira presidencial. Uma só ahi está com objetivo traçado, com programa de desenvolvimento, a bater-se pela victoria dos seus princípios e idéas e que por isso mesmo dia a dia mais apaixona os espíritos, congregando-os na formação de grande partido nacional:- o Civilismo! (Jornal *Gazeta do Sertão*, 23 de maio de 1913, p. 1).

E ainda se opõe aos seus adversários políticos quando comenta:

As outras duas representam a politicagem na sua significação mais precisa e reprovável [...] Disso convictos não vemos em que o triumpho de Dantas Barreto, importando na derrota de Pinheiro Machado, venha trazer à nação resultados apreciáveis. Prova-o suficientemente a desastrada apresentação da candidatura Nilo já sugerida pelo governador de Pernambuco... Acreditamos e esperamos que o senador Ruy não emprestará a força de seu prestígio para a salvaguarda do dantismo, porquanto, além de resultar dessa alliança hybrida o suicídio dos ideaes civilistas, seria rasgar a página gloriosa do seu exemplaríssimo passado político (Jornal *Gazeta do Sertão*, 23 de maio de 1913, p. 1).

O texto dá destaque para o movimento do Civilismo¹⁰, que crescia cada vez mais em adeptos e popularidade. Das três correntes políticas citadas pelo jornal, o Civilismo é o movimento que mais agrada os redatores do jornal gazeta, afirmação que fica evidente no seguinte trecho: “As outras duas representam a politicagem na sua significação mais precisa e reprovável, porque na lucta em que o egoismo as collocou, não descobrimos senão o choque de interesses que a vaidade e o odio alimentam e cevam”¹¹. Essas características

10 O Civilismo foi um movimento que contou com a participação de diversos segmentos da sociedade brasileira. A chamada campanha civilista adotada por Rui Barbosa, desejava a ordem civil no país, o distanciamento da “memoria da república da espada” e ainda reestruturar o poder das oligarquias vigentes. Sobre isso ler: <https://www.gov.br/casaruibarbosa/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/rui-barbosa/civilismo>

11 Trechos retirados do Jornal *Gazeta do Sertão*, 23 de maio de 1913, coluna 1, página 1.

demonstram o alinhamento político dos redatores com o discurso moderno da época, que realocava conceitos civis para suas propostas progressistas. Mais uma vez é possível observar o esforço da imprensa em reescrever novos símbolos, em uma dicotomia que põe em prática a forma como o indivíduo precisa “evoluir” de matuto para o “bom cidadão brasileiro”, que deve reconhecer sua identidade social lado a lado da república. Isso porque o uso do passado na construção de “novos mundos” sempre solidifica uma narrativa, neste caso, a narrativa dominante.

🌀 O POPULISMO DO *CORREIO DO NORTE* (1920)

A partir de 1918 começa a circular pela cidade de Ipu o jornal *Correio do Norte*¹², que ganha cada vez mais espaço após a *Gazeta do Sertão* encerrar suas atividades, tornando-se um dos periódicos mais importantes do município. É possível elencar algumas inovações na história desse periódico, sendo a principal delas o investimento em equipamentos e pessoal, com a compra de uma oficina tipográfica e a contratação de um tipógrafo. Tais investimentos permitiram a melhoria da qualidade dos seus impressos com a inserção de imagens entre os textos e a aceleração da impressão e publicação. Assim como o *Gazeta*, o *Correio* tem como principais colaboradores ‘figuras ilustres’ locais, pois entende-se que o latente desejo progressista da elite ipuense respingou na criação deste periódico, que dar continuidade aos objetivos que foram traçados no passado recente. Repete-se a antiga estratégia de trazer para a atividade jornalística pessoas da elite local, que ocupavam espaços de poder importantes na cidade. Ao longo da leitura e da análise do *Correio do Norte*, será possível notar como o apelo social neste jornal era abordado com mais enfoque, isso porque seus redatores irão impulsionar cada vez mais os eventos culturais.

Importante pontuar que essa conexão já estava posta lá na *Gazeta do Sertão*, mas aqui se apresenta de uma forma bem mais acentuada. As festividades tradicionais, como festas religiosas, saraus, bailes, eram promovidas como

12 Todas as fontes analisadas nesta pesquisa sobre o *Correio do Norte* são do ano de 1920. Importante ressaltar que o jornal *Correio* passou a circular no Ipu ainda por volta de janeiro de 1918, no entanto o seu nascimento foi anunciado em 1917 por Abílio Martins, ainda segundo FARIAS, FILHO, Antônio Vitorino. *A Fantasia de ser moderno. Op. cit.* 2018, p. 154.

modelos a serem seguidos, pois o bom cidadão frequentava espaços públicos refinados. O *Correio do Norte* se reconhecia como um dos poderes da República e por isso se propunha ao papel de porta voz dos reclames do povo, que naquele momento era identificado com os flagelados da seca:

[...] que nos não recriminem algum dia por haver sido insensível à sua grande dor o nosso coração de cearense e de patriota e que não aleguem em tempo nenhum ter deixado a nossa penna de descrever aos olhos da nação que finge lobrigar, e aos olhos do estrangeiro que não nos considera, as torturas indizíveis os desesperos atrozes e as magoas profundas desta raça desgraça e mártir [...]. Não! É necessário clamar, com quantas forças poderemos, aos poderes competentes e aos avaros ricos, por socorros urgentes para este povo que está a morrer de fome. [...] É preciso, jornalistas cearenses, que ponhais de parte, ao menos por um momento, as sugestões mesquinhas da política-lha malsã, que infecciona o ambiente, e atendeis aos interesses de tantos entes que se rebolcam na miséria mais negra e vivem como cães sem dono, a alimentar-se de restos de comidas, cascas de frutas pela rua [...] (*Correio do Norte*, a3n110, 04 de março de 1920, p. 1).

E ainda segue argumentando:

Vamos, srs, representantes do quarto poder da república, que é a Imprensa da minha pátria: daí um pontapé em regra nesses politicoides, agitadores, que só sonham com “revanches”, e emprego, e abraçai a causa do povo que é a causa sacrosanta porque nos devemos bater sem tibiezas ou desfalecimentos (*Correio do Norte*, 04 de março de 1920, p. 1).

A defesa do povo não passava de retórica. Ambos viam o povo como massa inerte¹³: “não agem” e “não pensam”, são “miseráveis”, que “desvalorizados” e “abandonados” com o tempo “vão se bestializando”¹⁴. Por esse viés, o jornal e

13 Expressão usada por José Murilo em *O pecado original da República*.

14 Expressões utilizadas pelo próprio jornal *Correio do Norte*, em 4 de março de 1920.

o jornalista se apresentam como luz que os guiariam a caminho da civilidade e do progresso. Nesse outro fragmento, é possível notar como o uso da força de trabalho desses sujeitos nas obras públicas urbanas é justificado como promoção de cidadania e instrução do Estado para com seu povo:

Ipuense, como sou não posso deixar de me regozijar com os melhoramentos e progressos de minha terra natal. Chegando a essa cidade, foi agradabilíssima minha impressão a cerca dos trabalhos da Rodagem, executados sob a competente e criteriosa direção do Ilm. Sr. Dr. Sá Roriz. [...] Voltando ao nosso escôpo: vendo os flagelados trabalharem lembámanos de uma campanha militar com todos os apetrechos bélicos, barracas aqui e acolá, homens empurrando carretas [...] Além dos serviços propriamente da construção, a comissão da Rodagem vai disseminando outros benefícios: o pábulo da instrução (em escolas primárias) e o plantio de árvores forrageiras [...] (J. C. Monteiro. *Correio do Norte*, 29 de julho de 1920, p. 1).

Conforme exposto no fragmento, muitos desses indivíduos serviam de mão de obra barata nas reformas urbanas do município: construção da rodagem, plantação de forragens e construção de escolas, enquanto essa mesma imprensa condecorava os homens da República por “[fazer] se dest’ arte, simultaneamente, socôrrro indireto aos flagelados e guerra ativa e eficaz contra o analfabetismo.

O que se conclui sobre a atuação do *Correio do Norte* é que, apesar de abordar temas relativos ao cotidiano popular, os seus textos reproduziam uma concepção paternalista e conservadora de República. A propaganda republicana de um “país se autodirigindo, sem a necessidade de uma família real de origem europeia e de um imperador hereditário” (Carvalho, 2017, p. 20) parece não ter fornecido elementos para grandes rupturas políticas, mesmo após o golpe da república. Os jornais revelam a contradição de uma nova governança política, proposta como o modelo ideal, mas que na prática não consegue se desvincular de suas velhas amarras conservadoras.

❧ CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das fontes jornalísticas permitiu o acesso à forma como a sociedade ipuense interpretou essas ideias em nível local, como também o poder da imprensa na construção de culturas políticas. Observou-se que os jornais não somente retratam a cidade, como também são o retrato da própria cidade, ou seja, eles refletem os indivíduos que atuam naquele meio social e urbano. Pressupõe-se que poucos grupos sociais tinham acesso direto à leitura desses periódicos, dado o alto índice de analfabetismo do período. Contudo, é possível que a retórica progressista de uma cidade moderna, civilizada e democrática, trazida pela República, tenha despertado o interesse de outros grupos sociais em discutir os problemas do país, recebendo as notícias pela via da oralidade. Reconhecendo-se como agentes de um novo tempo, ambos os jornais, um mais formal, o outro mais popular, se entediavam como uma força poderosa a serviço da República com condições para formar o povo, o cidadão, embora fosse limitada sua compreensão de democracia e de cidadania. A inserção da população na vida política era concebida apenas sob a supervisão de homens letrados com condições para a formação política. Portanto, a imprensa no Ipu atuou como sujeito político disseminando uma ideia limitada de civilidade e cidadania, que distanciava cada vez mais aquele que pouco sabe, pouco lê e que pouco entende do real significado da República.

❧ REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Oswaldo. Imprensa de Ipu. In: **Revista Instituto do Ceará**. Fortaleza, tomo LXXX, ano LXXX, 1966.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. **O pecado original da República: debates, personagens e eventos para compreender o Brasil**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2017.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DE ARAÚJO, Raimundo Alves; DA SILVEIRA, Edvanir Maia. A cidade e a seca: o campo de concentração de 1932 e as transformações urbanas em Ipu-CE (The city and the drought: the concentration camp of 1932 and the urban transformations in Ipu-CE). **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 8, n. 1, 2006.

DE FARIA CRUZ, Heloisa; DA CUNHA PEIXOTO, Maria do Rosário. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 35, 2007.

FARIAS FILHO, Antônio Vitorino. **A fantasia de ser moderno**: civilização e barbárie na terra de Iracema. Sobral, CE: SertãoCult, 2018.

FARIAS FILHO, Antônio Vitorino. Imprensa, modernidade e cidade: o caso da cidade de Ipu-CE. In: SILVEIRA, Edvanir Maia da; ARAÚJO, Raimundo Alves de (Orgs.). **Nas trilhas do sertão**: escritos de cultura e política nos interiores do Ceará. Sobral, CE: Editora SertãoCult, v. 4, 2017.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloísa M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVEIRA, Edvanir Maia da; ARAÚJO, Raimundo Alves de (Orgs.). **Nas trilhas do sertão**: escritos de cultura e política nos interiores do Ceará. Sobral, CE: Editora SertãoCult, v. 4, 2017.

SOUSA, Eusébio de. **Revista dos Municípios**. Anno 1, n. 1, fev. 1929. Acervo particular do professor Francisco de Assis Martins.

SOUSA, Eusébio de. **Um pouco de história** (Chronica do Ipu), p. 14, fev. 1915.



Este livro foi composto em fonte Adobe Garamond Pro, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m², com 268 páginas e em e-book formato pdf.
Setembro de 2025.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com.br

Editora

**SER
TÃO
CULT**

A título de apresentação, portanto, temos na *Parte 1 – História, política, imprensa e sociedade* artigos que tratam da influência dos jornais nas cidades de Sobral e Ipu, assim como de análises dos períodos ditatoriais de Getúlio Vargas e da ditadura civil-militar iniciada com o golpe de 1964. Para fechar este eixo, temos um texto que aborda o conservadorismo no país através das marchas realizadas em nome de Deus e da família nos idos de 1964 e recentemente em 2021.

Na *Parte 2 - História, memória e educação*, os autores, de alguma forma, realizaram uma imersão nas questões discutidas num curso de licenciatura, trazendo histórias da sua própria formação profissional, do acesso ao ensino, dos programas e políticas públicas voltadas para a melhoria dos índices educacionais, além das próprias histórias da educação de seus municípios de origem.

Finalizando, a *Parte 3 - História, cultura e cotidiano*, o leitor irá se deparar com temas diversos que trafegam no cotidiano das cidades apresentadas, como por exemplo, a trajetória de um grupo de poetas que se reúne aos sábados em Sobral para ler, fazer e viver a poesia, assim como das conversas de idosas relembando suas vidas num distrito do município de Ubajara. O cinema e o futebol brasileiros, por sua vez, são analisados como fatores da identidade brasileira, assim como espaços de resistência, mas também, onde afloram discursos de preconceito e de ódio. Ressalte-se aqui, o uso da metodologia da história oral em alguns desses trabalhos.

